



«Tudo está consumado»

Sexta-feira Santa da Paixão do Senhor

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA | Is 52, 13 – 53, 12

Leitura do Livro de Isaías

Vede como vai prosperar o meu servo: subirá, elevar-se-á, será exaltado. Assim como, à sua vista, muitos se encheram de espanto — tão desfigurado estava o seu rosto que tinha perdido toda a aparência de um ser humano — assim se hão de encher de assombro muitas nações e, diante dele, os reis ficarão calados, porque hão de ver o que nunca lhes tinham contado e observar o que nunca tinham ouvido. Quem acreditou no que ouvimos dizer? A quem se revelou o braço do Senhor? O meu servo cresceu diante do Senhor como um rebento, como raiz numa terra árida, sem distinção nem beleza para atrair o nosso olhar, nem aspecto agradável que possa cativar-nos. Desprezado e repelido pelos homens, homem de dores, acostumado ao sofrimento, era como aquele de quem se desvia o rosto, pessoa desprezível e sem valor para nós. Ele suportou as nossas enfermidades e tomou sobre si as nossas dores. Mas nós víamos nele um homem castigado, ferido por Deus e humilhado. Ele foi trespassado por causa das nossas culpas e esmagado por causa das nossas iniquidades. Caiu sobre ele o castigo que nos salva: pelas suas chagas fomos curados. Todos nós, como ovelhas, andávamos errantes, cada qual seguia o seu caminho. E o Senhor fez cair sobre ele as faltas de todos nós. Maltratado, humilhou-se voluntariamente e não abriu a boca. Como cordeiro levado ao matadouro, como ovelha muda ante aqueles que a tosquiavam, ele não abriu a boca. Foi

eliminado por sentença iníqua, mas quem se preocupa com a sua sorte? Foi arrancado da terra dos vivos e ferido de morte pelos pecados do seu povo. Foi-lhe dada sepultura entre os ímpios e um túmulo no meio de malfeitores, embora não tivesse cometido injustiça, nem se tivesse encontrado mentira na sua boca. Aprouve ao Senhor esmagar o seu servo pelo sofrimento. Mas se oferecer a sua vida como sacrifício de expiação, terá uma descendência duradoura, viverá longos dias e a obra do Senhor prosperará em suas mãos. Terminados os sofrimentos, verá a luz e ficará saciado na sua sabedoria. O justo, meu servo, justificará a muitos e tomará sobre si as suas iniquidades. Por isso, Eu lhe darei as multidões como prémio e terá parte nos despojos no meio dos poderosos; porque ele próprio entregou a sua vida à morte e foi contado entre os malfeitores, tomou sobre si as culpas das multidões e intercedeu pelos pecadores.

Palavra do Senhor.

SALMO RESPONSORIAL Salmo 30 (31), 2.6.12-13.15-16.17.25

Refrão: Pai, em vossas mãos entrego o meu espírito. Repete-se

Em Vós, Senhor, me refugio,
jamais serei confundido,
pela vossa justiça, salvai-me.
Em vossas mãos entrego o meu espírito,
Senhor, Deus fiel, salvai-me. Refrão

Tornei-me o escárnio dos meus inimigos,
o desprezo dos meus vizinhos
e o terror dos meus conhecidos:
todos evitam passar por mim.
Esqueceram-me como se fosse um morto,
tornei-me como um objeto abandonado. Refrão

Eu, porém, confio no Senhor:
Disse: «Vós sois o meu Deus,
nas vossas mãos está o meu destino».
Livrai-me das mãos dos meus inimigos
e de quantos me perseguem. Refrão

Fazei brilhar sobre mim a vossa face,
salvai-me pela vossa bondade.
Tende coragem e animai-vos,
vós todos que esperais no Senhor. Refrão

LEITURA II Heb 4, 14-16; 5, 7-9

Leitura da Epístola aos Hebreus

Irmãos: Tendo nós um sumo sacerdote que penetrou os Céus, Jesus, Filho de Deus, permaneçamos firmes na profissão da nossa fé. Na verdade, nós não temos um sumo sacerdote incapaz de Se compadecer das nossas fraquezas. Pelo contrário, Ele mesmo foi provado em tudo, à nossa semelhança, exceto no pecado. Vamos, portanto, cheios de confiança, ao trono da graça, a fim de alcançarmos misericórdia e obtermos a graça de um auxílio oportuno. Nos dias da sua vida mortal, Ele dirigiu preces e súplicas, com grandes clamores e lágrimas, Àquele que O podia livrar da morte, e foi atendido por causa da sua piedade. Apesar de ser Filho, aprendeu a obediência no sofrimento. E, tendo atingido a sua plenitude, tornou-Se, para todos os que Lhe obedecem, causa de salvação eterna.

Palavra do Senhor.

ACLAMAÇÃO ANTES DO EVANGELHO Filip 2, 8-9

Cristo obedeceu até à morte e morte de cruz.

Por isso Deus O exaltou e Lhe deu um nome
que está acima de todos os nomes. Refrão

EVANGELHO Jo 18, 1 __ 19, 42

N Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

Naquele tempo,

Jesus saiu com os seus discípulos

para o outro lado da torrente do Cedron.

Havia lá um jardim, onde Ele entrou com os seus discípulos.

Judas, que O ia entregar, conhecia também o local,

porque Jesus Se reunira lá muitas vezes

com os discípulos.

Tomando consigo uma companhia de soldados

e alguns guardas,

enviados pelos príncipes dos sacerdotes e pelos fariseus,

Judas chegou ali, com archotes, lanternas e armas.

Sabendo Jesus tudo o que Lhe ia acontecer,

adiantou-Se e perguntou-lhes:

J «A quem buscais?».

N Eles responderam-Lhe:

R «A Jesus, o Nazareno».

N Jesus disse-lhes:

J «Sou Eu».

N Judas, que O ia entregar, também estava com eles.

Quando Jesus lhes disse: «Sou Eu»,

recuaram e caíram por terra.

Jesus perguntou-lhes novamente:

J «A quem buscais?».

N Eles responderam:

R «A Jesus, o Nazareno».

N Disse-lhes Jesus:

J «Já vos disse que sou Eu.

Por isso, se é a Mim que buscais,
deixai que estes se retirem».

N Assim se cumpriam as palavras que Ele tinha dito:

«Daqueles que Me deste, não perdi nenhum».

Então, Simão Pedro, que tinha uma espada,
desembainhou-a e feriu um servo do sumo sacerdote,
cortando-lhe a orelha direita.

O servo chamava-se Malco. Mas Jesus disse a Pedro:

J «Mete a tua espada na bainha.

Não hei de beber o cálice que meu Pai Me deu?».

N Então, a companhia de soldados,

o oficial e os guardas dos judeus
apoderaram-se de Jesus e manietaram-n'O.

Levaram-n'O primeiro a Anás,

por ser sogro de Caifás,
que era o sumo sacerdote nesse ano.

Caifás é que tinha dado o seguinte conselho aos judeus:

«Convém que morra um só homem pelo povo».

Entretanto, Simão Pedro seguia Jesus
com outro discípulo.

Esse discípulo era conhecido do sumo sacerdote
e entrou com Jesus no pátio do sumo sacerdote,
enquanto Pedro ficava à porta, do lado de fora.

Então o outro discípulo, conhecido do sumo sacerdote,
falou à porteira e levou Pedro para dentro.

A porteira disse a Pedro:

R «Tu não és dos discípulos desse homem?».

N Ele respondeu:

R «Não sou».

N Estavam ali presentes os servos e os guardas,
que, por causa do frio, tinham acendido um braseiro
e se aqueciam.

Pedro também se encontrava com eles a aquecer-se.

Entretanto, o sumo sacerdote interrogou Jesus
acerca dos seus discípulos e da sua doutrina.

Jesus respondeu-lhe:

J «Falei abertamente ao mundo.

Sempre ensinei na sinagoga e no templo,
onde todos os judeus se reúnem,
e não disse nada em segredo.

Porque Me interrogas?

Pergunta aos que Me ouviram o que lhes disse:
eles bem sabem aquilo de que lhes falei».

N A estas palavras, um dos guardas que estava ali presente
deu uma bofetada a Jesus e disse-Lhe:

R «É assim que respondes ao sumo sacerdote?».

N Jesus respondeu-lhe:

J «Se falei mal, mostra-Me em quê.

Mas, se falei bem, porque Me bates?».

N Então Anás mandou Jesus manietado
ao sumo sacerdote Caifás.

Simão Pedro continuava ali a aquecer-se.

Disseram-lhe então:

R «Tu não és também um dos seus discípulos?».

N Ele negou, dizendo:

R «Não sou».

N Replicou um dos servos do sumo sacerdote,
parente daquele a quem Pedro cortara a orelha:

R «Então eu não te vi com Ele no jardim?».

N Pedro negou novamente,
e logo um galo cantou.

Depois, levaram Jesus da residência de Caifás ao Pretório.

Era de manhã cedo. Eles não entraram no pretório, para
não se contaminarem e assim poderem comer a Páscoa.

Pilatos veio cá fora ter com eles e perguntou-lhes:

R «Que acusação trazeis contra este homem?».

N Eles responderam-lhe:

R «Se não fosse malfeitor, não t'Ó entregávamos».

N Disse-lhes Pilatos:

R «Tomai-O vós próprios, e julgai-O segundo a vossa lei».

N Os judeus responderam:

R «Não nos é permitido dar a morte a ninguém».

N Assim se cumpriam as palavras que Jesus tinha dito,
ao indicar de que morte ia morrer.

Entretanto, Pilatos entrou novamente no pretório,
chamou Jesus e perguntou-Lhe:

R «Tu és o Rei dos judeus?».

N Jesus respondeu-lhe:

J «É por ti que o dizes,
ou foram outros que to disseram de Mim?».

N Disse-Lhe Pilatos:

R «Porventura sou eu judeu?

O teu povo e os sumos sacerdotes

é que Te entregaram a Mim.

Que fizeste?».

N Jesus respondeu:

J «O meu reino não é deste mundo.

Se o meu reino fosse deste mundo,

os meus guardas lutariam

para que Eu não fosse entregue aos judeus.

Mas o meu reino não é daqui».

N Disse-Lhe Pilatos:

R «Então, Tu és Rei?».

N Jesus respondeu-lhe:

J «É como dizes: sou Rei.

Para isso nasci e vim ao mundo,

a fim de dar testemunho da verdade.

Todo aquele que é da verdade escuta a minha voz».

N Disse-Lhe Pilatos:

R «Que é a verdade?».

N Dito isto, saiu novamente para fora e declarou aos judeus:

R «Não encontro neste homem culpa nenhuma.

Mas vós estais habituados

a que eu vos solte alguém pela Páscoa.

Quereis que vos solte o Rei dos judeus?».

N Eles gritaram de novo:

R «Esse não. Antes Barrabás».

N Barrabás era um salteador.

Então Pilatos mandou que levassem Jesus

e O açoitassem.

Os soldados teceram uma coroa de espinhos,

colocaram-Lha na cabeça

e envolveram Jesus num manto de púrpura.

Depois aproximavam-se d'Ele e diziam:

R «Salve, Rei dos judeus».

N E davam-Lhe bofetadas.

Pilatos saiu novamente para fora e disse:

R «Eu vo-l'O trago aqui fora,

para saberdes que não encontro n'Ele culpa nenhuma»

N Jesus saiu,

trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura.

Pilatos disse-lhes:

R «Eis o homem».

N Quando viram Jesus,
os príncipes dos sacerdotes e os guardas gritaram:
R «Crucifica-O! Crucifica-O!».

N Disse-lhes Pilatos:
R «Tomai-O vós mesmos e crucificai-O,
que eu não encontro n'Ele culpa alguma».

N Responderam-lhe os judeus:
R «Nós temos uma lei
e, segundo a nossa lei, deve morrer,
porque Se fez Filho de Deus».

N Quando Pilatos ouviu estas palavras, ficou assustado.
Voltou a entrar no pretório e perguntou a Jesus:
R «Donde és Tu?».

N Mas Jesus não lhe deu resposta.
Disse-Lhe então Pilatos:
R «Não me falas? Não sabes que tenho poder
para Te soltar e para Te crucificar?».

N Jesus respondeu-lhe:
J «Nenhum poder terias sobre Mim,
se não te fosse dado do alto.
Por isso, quem Me entregou a ti tem maior pecado».

N A partir de então, Pilatos procurava libertar Jesus.
Mas os judeus gritavam:
R «Se O libertares, não és amigo de César:
todo aquele que se faz rei é contra César».

N Ao ouvir estas palavras,
Pilatos trouxe Jesus para fora
e sentou-se no tribunal,
no lugar chamado «Lagedo», em hebraico «Gabatá».
Era a Preparação da Páscoa, por volta do meio-dia.
Disse então aos judeus:
R «Eis o vosso Rei!».

N Mas eles gritaram:
R «À morte, à morte! Crucifica-O!».

N Disse-lhes Pilatos:
R «Hei-de crucificar o vosso Rei?».

N Replicaram-lhe os príncipes dos sacerdotes:
R «Não temos outro rei senão César».

N Entregou-lhes então Jesus, para ser crucificado.
E eles apoderaram-se de Jesus.
Levando a cruz,
Jesus saiu para o chamado Lugar do Calvário,
que em hebraico se diz Gólgota.

Ali O crucificaram, e com Ele mais dois:
um de cada lado e Jesus no meio.
Pilatos escreveu ainda um letrado
e colocou-o no alto da cruz; nele estava escrito:
«Jesus, o Nazareno, Rei dos judeus».
Muitos judeus leram esse letrado,
porque o lugar onde Jesus tinha sido crucificado
era perto da cidade.
Estava escrito em hebraico, grego e latim.
Diziam então a Pilatos
os príncipes dos sacerdotes dos judeus:
R «Não escrevas: ‘Rei dos judeus’,
mas que Ele afirmou: ‘Eu sou o Rei dos judeus’».
N Pilatos retorquiu:
R «O que escrevi está escrito».
N Quando crucificaram Jesus,
os soldados tomaram as suas vestes,
das quais fizeram quatro lotes, um para cada soldado,
e ficaram também com a túnica.
A túnica não tinha costura:
era tecida de alto a baixo como um todo.
Disseram uns aos outros:
R «Não a rasguemos, mas lancemos sortes,
para ver de quem será».
N Assim se cumpria a Escritura:
«Repartiram entre si as minhas vestes
e deitaram sortes sobre a minha túnica».
Foi o que fizeram os soldados.
Estavam junto à cruz de Jesus
sua Mãe, a irmã de sua Mãe,
Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena.
Ao ver sua Mãe e o discípulo predileto,
Jesus disse a sua Mãe:
J «Mulher, eis o teu filho».
N Depois disse ao discípulo:
J «Eis a tua Mãe».
N E a partir daquela hora,
o discípulo recebeu-a em sua casa.
Depois, sabendo que tudo estava consumado
e para que se cumprisse a Escritura,
Jesus disse:
J «Tenho sede».
N Estava ali um vaso cheio de vinagre.

Prenderam a uma vara uma esponja embebida em vinagre e levaram-Lha à boca.

Quando Jesus tomou o vinagre, exclamou:

J «Tudo está consumado».

N E, inclinando a cabeça, expirou.

N Por ser a Preparação, e para que os corpos não ficassem na cruz durante o sábado, – era um grande dia aquele sábado –

os judeus pediram a Pilatos

que se lhes quebrassem as pernas e fossem retirados.

Os soldados vieram e quebraram as pernas ao primeiro, depois ao outro que tinha sido crucificado com ele.

Ao chegarem a Jesus, vendo-O já morto,

não Lhe quebraram as pernas,

mas um dos soldados

trespassou-Lhe o lado com uma lança,

e logo saiu sangue e água.

Aquele que viu é que dá testemunho

e o seu testemunho é verdadeiro.

Ele sabe que diz a verdade,

para que também vós acrediteis.

Assim aconteceu para se cumprir a Escritura, que diz:

«Nenhum osso Lhe será quebrado».

Diz ainda outra passagem da Escritura:

«hão de olhar para Aquele que trespassaram».

Depois disto, José de Arimateia,

que era discípulo de Jesus,

embora oculto por medo dos judeus,

pediu licença a Pilatos para levar o corpo de Jesus.

Pilatos permitiu-lho.

José veio então tirar o corpo de Jesus.

Veio também Nicodemos,

aquele que, antes, tinha ido de noite ao encontro de Jesus.

Trazia uma mistura de quase cem libras de mirra e aloés.

Tomaram o corpo de Jesus

e envolveram-no em ligaduras juntamente com os perfumes, como é costume sepultar entre os judeus.

No local em que Jesus tinha sido crucificado,

havia um jardim e, no jardim, um sepulcro novo,

no qual ainda ninguém fora sepultado.

Foi aí que, por causa da Preparação dos judeus,

porque o sepulcro ficava perto,

depositaram Jesus.

Palavra da salvação.

Oração universal

I. Pela santa Igreja

Oremos, irmãos caríssimos,
pela santa Igreja de Deus,
para que o Senhor lhe dê a paz,
a confirme na unidade
e a proteja em toda a terra;
e a todos nós conceda uma vida calma e tranquila,
para glória de Deus Pai todo-poderoso.

Oração em silêncio. Depois, o sacerdote diz:

Deus eterno e onnipotente,
que, em Jesus Cristo, revelastes a vossa glória
a todos os povos da terra,
protegei a obra da vossa misericórdia,
para que a Igreja, dispersa por todo o mundo,
persevere firme na fé,
para dar testemunho do vosso nome.
Por Cristo nosso Senhor.

II. Pelo Papa

Oremos pelo nosso Santo Padre, o Papa N.,
para que Deus nosso Senhor, que o elevou ao episcopado,
o conserve e defenda na sua Igreja
para governar o povo santo de Deus.

Oração em silêncio. Depois, o sacerdote diz:

Deus eterno e onnipotente,
que tudo governais com sabedoria,
atendei favoravelmente as nossas súplicas
e, por vossa bondade,
protegei o Pastor que escolheste para a vossa Igreja,
a fim de que o povo cristão,
governado por Vós, sob a direção do Sumo Pontífice,
progrida sempre na fé.
Por Cristo nosso Senhor.

III. Por todos os ministros e pelos fiéis

Oremos pelo nosso Bispo N.
o nosso bispo coadjutor (ou auxiliar) N.
Ou, os nossos bispos auxiliares.
e por todos os bispos, presbíteros e diáconos,

pelos que exercem na Igreja algum ministério
e por todo o povo de Deus.

Oração em silêncio. Depois, o sacerdote diz:

Deus eterno e onnipotente,
cujo Espírito santifica e governa todo o corpo da Igreja,
ouvi as súplicas que Vos dirigimos
por todos os membros da comunidade cristã
e fazei que, ajudados pela vossa graça,
todos Vos sirvam com fidelidade.
Por Cristo nosso Senhor.

IV. Pelos catecúmenos

Oremos pelos (nossos) catecúmenos,
para que Deus nosso Senhor os ilumine interiormente
e lhes abra as portas da sua misericórdia,
de modo que, recebendo o perdão de todos os seus pecados,
pela água regeneradora do Batismo,
sejam incorporados em nosso Senhor Jesus Cristo.

Oração em silêncio. Depois, o sacerdote diz:

Deus eterno e onnipotente,
que dais continuamente novos filhos à vossa Igreja,
aumentai a fé e a sabedoria dos (nossos) catecúmenos,
de modo que, renascendo na fonte batismal,
sejam contados entre os vossos filhos de adoção.
Por Cristo nosso Senhor.

V. Pela unidade dos cristãos

Oremos por todos os nossos irmãos que creem em Cristo,
para que Deus nosso Senhor lhes dê a graça
de viverem a verdade em suas obras
e os reúna e guarde na unidade da sua Igreja.

Oração em silêncio. Depois, o sacerdote diz:

Deus eterno e onnipotente,
que reunis os vossos fiéis dispersos
e os conservais na unidade,
olhai propício para todo o povo de Cristo,
para que vivam unidos pela integridade da fé
e pelo vínculo da caridade
todos aqueles que foram consagrados pelo mesmo Batismo.
Por Cristo nosso Senhor.

VI. Pelos judeus

Oremos pelo povo judeu,
para que Deus nosso Senhor,
que falou aos seus pais pelos antigos Profetas,
o faça progredir no amor do seu nome
e na fidelidade à sua aliança.

Oração em silêncio. Depois, o sacerdote diz:

Deus eterno e onnipotente,
que confiastes as vossas promessas
a Abraão e à sua descendência,
atendei com bondade as preces da vossa Igreja,
para que o povo da primeira aliança
alcance a plenitude da redenção.
Por Cristo nosso Senhor.

VII. Pelos que não creem em Cristo

Oremos pelos que não creem em Cristo,
para que, iluminados pelo Espírito Santo,
possam também eles encontrar o caminho da salvação.

Oração em silêncio. Depois, o sacerdote diz:

Deus eterno e onnipotente,
concedei aos que não creem em Cristo
que vivam de coração sincero na vossa presença,
a fim de encontrar a verdade;
e a nós, vossos filhos, concedei também a graça
de entrar profundamente no mistério de Cristo
e de o viver fielmente na união da fraterna caridade,
para darmos ao mundo o testemunho perfeito do vosso amor.
Por Cristo nosso Senhor.

VIII. Pelos que não creem em Deus

Oremos pelos que não creem em Deus,
para que, pela retidão e sinceridade da sua vida,
cheguem ao conhecimento do verdadeiro Deus.

Oração em silêncio. Depois, o sacerdote diz:

Deus eterno e onnipotente,
que criastes os homens para que Vos procurem,
de modo que só em Vós descansa o seu coração,
concedei-lhes que, no meio das suas dificuldades,
compreendendo os sinais do vosso amor
e o testemunho dos crentes,

todos se alegrem de Vos reconhecer
como único Deus verdadeiro e Pai de todos os homens.
Por Cristo nosso Senhor.

IX. Pelos governantes

Oremos pelos governantes de todas as nações,
para que Deus nosso Senhor dirija a sua mente e o seu coração
segundo a sua vontade,
para buscarem sempre a verdadeira paz
e a liberdade de todos os povos.

Oração em silêncio. Depois, o sacerdote diz:

Deus eterno e onipotente,
em cujas mãos estão os corações dos homens
e os direitos dos povos,
assisti os nossos governantes, para que, com o vosso auxílio,
se fortaleça em toda a terra a prosperidade das nações,
a segurança da paz e a liberdade religiosa.
Por Cristo nosso Senhor.

X. Pelos atribulados

Oremos, irmãos, a Deus Pai todo-poderoso,
para que livre o mundo de todos os erros,
afaste as doenças e a fome em toda a terra,
abra as portas das prisões e liberte os oprimidos,
proteja os que viajam
e reconduza ao seu lar os emigrantes e os desterrados,
dê saúde aos enfermos e a salvação aos moribundos.

Oração em silêncio. Depois, o sacerdote diz:

Deus eterno e onipotente,
consolação dos tristes e fortaleza dos que sofrem,
ouvi as súplicas dos que Vos invocam nas tribulações,
para que todos tenham a alegria
de encontrar em suas dificuldades
o auxílio da vossa misericórdia.
Por Cristo nosso Senhor.

